



A PERCEÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS COLETIVAS NOS PROCESSOS DE POLITIZAÇÃO E PROJETOS DE SOCIEDADE DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Claudecir dos Santos⁴¹

Resumo

O presente trabalho é um recorte da pesquisa de conclusão do curso de Sociologia realizado na UnoChapecó. Sendo um recorte, a metodologia que esteve centrada no caráter bibliográfico e empírico durante a pesquisa, agora se volta apenas à dimensão bibliográfica. O objetivo, tanto da pesquisa como desse recorte, é analisar como ocorrem os processos de politização e como se constroem os projetos de sociedade que os movimentos sociais expressam. Paralelo a isso, nessa configuração, o trabalho procura mostrar como as experiências coletivas representam os movimentos sociais, ao mesmo tempo em que se representam neles.

Palavras-chave: Movimentos sociais; Politização; Experiência coletiva.

1 Introdução

De modo geral, quando observamos as relações de um país colonizador com um país colonizado sempre encontramos, conforme sustenta Eduardo Galeano, *veias abertas*. No caso dos países latino-americanos, entre eles o Brasil, os colonizadores deixaram muitas *veias abertas*. Nesse sentido, no percurso de uma leitura acerca da Independência do Brasil e dos diversos projetos de desenvolvimento já vivenciados, é importante considerar que alguns momentos e movimentos da história, mais do que nebulosos e conflituosos, foram, em grande medida, reações a um processo de colonização que ainda provoca consequências.

Nossa aposta é de que, nessas condições, a experiência de conhecer a história do Brasil, aos poucos, conquista a condição de ser encarada com mais entusiasmo e responsabilidade por todos os brasileiros. Assim, exercitando a condição de ser um filho dessa terra, todos os cidadãos brasileiros poderiam rever a história superando sentimentos de vingança, desânimo, pessimismo ou desesperança. O que não significa continuar cometendo injustiças com as vítimas da história, ao contrário, significa rever as

⁴¹ Doutor em Filosofia. Professor na UnoChapecó e na Rede Pública Estadual de Educação de Santa Catarina. Membro do Grupo de Pesquisa Trabalho, Organizações e Inclusão Social. Contato: claudécirs@unochapeco.edu.br

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso**. Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



injustiças e ter coragem de corrigi-las sob a luz da democracia.

Esta forma de interpretar a realidade sugere um olhar crítico sobre as forças vivas da sociedade civil e o seu papel de atuação na construção/desconstrução de sistemas políticos, econômicos, sociais e culturais que dão legitimidade às diferentes formas de governo.

É dentro desse contexto que propomos uma olhar para as ações dos movimentos sociais. Contudo, considerando que este trabalho é um recorte de uma pesquisa maior, para não perdermos o foco da análise e, com isso, distanciarmo-nos do objetivo central, o trabalho está organizado da seguinte forma: primeiramente, apresenta três interpretações do que são os movimentos sociais e destaca algumas formas de investigação das ações dos movimentos. Essas observações estão fundamentadas nas teorias de Soares do Bem, Maria da Glória Gohn e Ilse Scherer-Warren. Na sequência ao trabalho, ganham espaço as observações acerca do significado de experiências coletivas, a partir do pensamento do filósofo alemão Walter Benjamin. As experiências coletivas são, também, apresentadas como enfrentamento às crises e desafios dos movimentos sociais contemporâneos. Na conclusão, estão dispostas algumas considerações sobre as imbricações entre movimentos sociais e experiências coletivas. O propósito é mostrar a pertinência dessas imbricações no bojo dos processos de politização e nas construções dos projetos de sociedade cultivados nos movimentos sociais.

2 Movimentos Sociais no Brasil: da Conceituação às Formas de Investigação das Ações dos Movimentos

Conforme foi destacado na introdução, a seguir, de forma breve, apresentamos algumas conceituações de movimentos sociais. Para tanto, vale ressaltar que a preocupação central desse trabalho não é discutir sobre o conceito de movimento social, por essa razão, sem fazer um aprofundamento maior do conceito, destacamos três interpretações do significado de movimentos sociais, para, em seguida, apontar algumas formas de estudo sobre essa temática.

A primeira interpretação sobre o significado de movimentos sociais é dada por Soares do Bem, segundo ele, “os movimentos sociais são os indicadores mais expressivos para a análise do funcionamento das sociedades” (SOARES DO BEM, 2006, p. 1338). No entender do autor, quanto mais complexas forem as sociedades, mais se faz

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso**. Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



necessário estudar os movimentos sociais. Para Soares do Bem, os movimentos sociais “traduzem o permanente movimento das forças sociais, permitindo identificar as tensões entre os diferentes grupos de interesses e expondo as veias abertas dos complexos mecanismos de desenvolvimento das sociedades” (SOARES DO BEM, 2006, p. 1338).

A segunda conceituação de movimentos sociais é apresentada por Maria da Glória Gohn (1997, p. 251),

Movimentos sociais são ações sociopolíticas construídas por atores sociais coletivos pertencentes a diferentes classes e camadas sociais, articuladas em certos cenários da conjuntura socioeconômica e política de um país, criando um campo político de força social na sociedade civil.

As reflexões de Maria da Glória Gohn sobre movimentos sociais são mais abrangentes, por isso voltaremos a elas em seguida. Antes disso, vejamos o que diz a terceira conceituação de movimentos sociais. Esta é destacada por Ilse Scherer-Warren. Nas palavras de Scherer-Warren (2012, p. 21),

Movimentos sociais são redes sociais complexas, que transcendem organizações empiricamente delimitadas e que conectam, de forma simbólica, solidarística e estratégica, sujeitos individuais e atores coletivos, que se organizam em torno de identidades ou identificações comuns, da definição de um campo de conflitos e de seus principais adversários políticos ou sistêmicos e de um projeto ou utopia de transformação social.

Na visão de Scherer-Warren, na sociedade contemporânea, os movimentos sociais podem ser mais amplamente explicados e entendidos a partir de uma perspectiva de análise de redes sociais e organizacionais. Para a autora (2012), quando os atores sociais ou as formas de coletividade que os compõe forem observados em rede, ampliam-se as possibilidades de percepção sobre suas ações, entretanto, como não temos a intenção de entrar nesse campo de estudos, ao invés de concentrarmos nossa investigação nas redes sociais, voltar-nos-emos para as ações dos movimentos sociais.

Sobre elas, Gohn (1997, p. 251) escreve que estas se estruturam, “a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em conflitos, litígios e disputas vivenciadas pelo grupo na sociedade”. Os repertórios que a autora destaca também são citados pelas lideranças dos movimentos sociais que fizeram parte da pesquisa que deu origem a esse trabalho. Nos depoimentos, os entrevistados confirmaram que os temas que discutem nos momentos de formação estão associados ao projeto de sociedade que pretendem

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso.** Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



construir. Essa é uma das formas, segundo os depoentes, de desenvolver a politização junto aos participantes do movimento. Tais depoimentos, porém, conforme foi explicitado na introdução, não serão incluídos nesse trabalho (recorte da pesquisa). Por essa razão, centramos a reflexão nas análises que os autores aqui referenciados fazem sobre as ações dos movimentos sociais.

Sobre essas ações Gohn (1997, p. 251-252) faz o seguinte destaque:

Desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva para o movimento, a partir dos interesses em comum. Esta identidade é amalgamada pela força do princípio da solidariedade e construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo, em espaços coletivos não institucionalizados. [...] Os movimentos participam, portanto, da mudança social histórica de um país e o caráter das transformações geradas poderá ser tanto progressista como conservador e reacionário, dependendo das forças sociopolíticas a que estão articulados, em suas densas redes; e dos projetos políticos que constroem com suas ações.

O que fica evidente nessas considerações de Gohn é a influência do aspecto político na condução dos movimentos sociais, ou seja, existe uma clara implicância política nas ações dos movimentos, essa implicância, porém, não necessariamente é partidária, acima disso, está a sua condição de mobilizar pessoas, criando forças sociais na luta por objetivos comuns.

No que diz respeito à construção da identidade e da solidariedade dentro dos movimentos, estes são, talvez, os valores que melhor os identificam, uma vez que, se a institucionalização de alguns movimentos depende da solidariedade de todos os participantes para que uma identidade seja construída, a não institucionalização de outros movimentos também se sustenta na solidariedade. E é ela, a solidariedade, que impulsiona a construção indenitária do movimento.

A solidariedade, por ser um conceito-chave na organização dos movimentos sociais, merece um olhar mais detalhado sobre ela. De acordo com Gohn (1997, p. 253),

Internamente, o princípio da solidariedade é o núcleo de articulação central os diferentes atores envolvidos, a partir de uma base referencial comum de valores e ideologias construídos na trajetória do grupo, ou advindos dos usos e tradições e compartilhados pelo conjunto.

Esta definição acerca da função da solidariedade na organização dos movimentos, porém, não significa que existe entre seus membros somente gestos de reciprocidade. Gohn destaca que é necessário esclarecer que “quando se fala em solidariedade não se

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso.** Chapeco: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



quer dizer que os movimentos sejam internamente espaços harmoniosos ou homogêneos. Ao contrário, o usual é a existência de inúmeros conflitos e tendências internas” (GOHN, 1997, p. 253).

Diante disso, poder-se-ia perguntar: Por que, por diversas vezes, ao observarmos as ações dos movimentos sociais, estas parecem estar mergulhadas na solidariedade? Maria da Glória Gohn responde a essa pergunta fazendo o seguinte esclarecimento:

A forma como se apresentam no espaço público, o discurso que elaboram, as práticas que articulam nos eventos externos, criam um imaginário social de unidade, uma visão de totalidade. A solidariedade é o princípio que costura as diferenças fazendo com que a representação simbólica construída e projetada para o outro – não movimento – seja coerente e articulada em propostas que encubram as diferenças internas, apresentando-se, usualmente, de forma clara e objetiva. (GOHN, 1997, p. 253).

Frente a estas ponderações de Gohn, a conclusão a que chegamos é a de que, toda essa articulação que envolve as manifestações externas dos movimentos é arquitetada *na* e *através* de uma linguagem que cria demandas e sobre elas projeta as formas de representações e manifestações que estão em acordo com os ideais do movimento. Isso equivale a dizer que os movimentos sociais nunca se afastam da realidade onde estão inseridos e que desejam modificá-la. “eles têm uma concretude, e para viabilizar e operacionalizar suas pautas e agendas de ação se apoiam em instituições e em organizações da sociedade civil e política” (GOHN, 1997, p. 254).

A força dos movimentos sociais, por diversas vezes, impulsionou importantes mudanças sociais. Mudanças essas que se exteriorizam em diversas áreas e em diferentes tempos. Aliás, Soares do Bem argumenta que “em cada momento histórico, são os movimentos sociais que revelam, como um sismógrafo, as áreas de carência estrutural, os focos de insatisfação, os desejos coletivos, permitindo a realização de uma verdadeira topografia das relações sociais” (SOARES DO BEM, 2006, p. 1138).

A dinâmica dos movimentos sociais e a influência deles no desenvolvimento da sociedade brasileira mostra que temos muito que aprender, especialmente em relação aos conflitos sociais, registrados em diferentes momentos históricos. Na visão de Soares do Bem, os movimentos sociais são, acima de tudo, “uma bússola para a ação social, impulsionando o campo social para formas superiores de organização e buscando a institucionalização jurídico-legal das conquistas” (SOARES DO BEM, 2006, p. 1138).

Diante do exposto, em síntese, pode-se dizer que em diversas situações e épocas

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso.** Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



da história brasileira, os movimentos sociais foram protagonistas ou impulsionaram transformações na sociedade. Soares do Bem entende que os movimentos sociais ativos, “além de revelarem, as áreas de carência estrutural, os focos de insatisfação e os desejos coletivos, se transformam em importantes e fundamentais, chaves explicativas para a compreensão e interpretação da cada período histórico da sociedade brasileira” (SOARES DO BEM, 2006, p. 1138).

As desigualdades sociais, e os problemas que elas geram, fazem com que diversos movimentos sociais surjam com a intenção de corrigir erros e ausências do Estado. Entretanto, justamente por questionarem o Estado, a forma com que eles passam a ser estudados e apresentados na sociedade, nem sempre mostra o que eles realmente são e qual tem sido o seu papel na organização e transformação da sociedade.

3. A *Experiência Coletiva* nos Movimentos Sociais

As afirmações acima destacadas, obviamente, não esgotam as possibilidades de estudos acerca dos processos de politização e projetos de sociedade que compreendem os movimentos sociais. É em decorrência disso que propomos um estudo dos movimentos sociais a partir das experiências coletivas.

O conceito de experiência coletiva já foi aprofundado por diversos autores, mas, tratando-se da possibilidade em relacioná-lo com as experiências dos movimentos sociais, em nosso entendimento, as conceituações do filósofo alemão Walter Benjamin, se apresentam como as que mais se adequam a esse propósito.

A compreensão do conceito de experiência (*Erfahrung*) desenvolvido por Benjamin se torna mais fácil quando entramos em contato com texto *Experiência e Pobreza* (BENJAMIN, 1994, p. 114). É a partir da pobreza das experiências e da dificuldade, em alguns casos da impossibilidade de contá-las, que conseguimos ter um entendimento mais amplo do conceito benjaminiano de experiência. Jeanne Marie Gagnebin diz que a experiência, para Benjamin, primeiro “se inscreve numa temporalidade comum a várias gerações. Ela supõe, portanto, uma tradição compartilhada e retomada na continuidade de uma palavra transmitida de pai a filho” (GAGNEBIN, 1994, p. 66).

É justamente no ensaio *Experiência e Pobreza* que Benjamin fala da ausência da palavra comum, da partilha de ideias, por conta do fim das narrativas. Gagnebin destaca algumas reações possíveis para a não mais presença da palavra comum. “A primeira

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. *Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso*. Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



caracteriza o comportamento da burguesia do fim do século XIX, quando esse processo de perda de referências coletivas começou a ficar patente” (GAGNEBIN, 1994, p.67). De acordo com a autora, “para compensar a frieza e o anonimato sociais criados pela organização capitalista do trabalho, ela tenta recriar um pouco de calor e de (*Gemütlichkeit*) através de um duplo processo de interiorização” (GAGNEBIN, 1994, p.67).

O desencadeamento desse processo produz, de forma contínua e crescente, seres humanos cada vez mais individualizados. Dessa forma, no domínio psíquico “os valores privados substituem cada vez mais a crença em certezas coletivas, mesmo se estas não são nem fundamentalmente criticadas nem rejeitadas” (GAGNEBIN, 1994, p.67). É assim, no entendimento de Benjamin, que a história comum vai sendo substituída pela individual. Essa realidade, acrescenta Gagnebin, “leva Benjamin a destacar um novo conceito de experiência, em oposição àquele de *Erfahrung* (experiência), o do *Erlebnis* (vivência), que reenvia à vida do indivíduo particular, na inefável preciosidade, mas também na sua solidão” (GAGNEBIN, 1994, p.68).

Vejamos como Benjamin estabelece a diferença entre esses dois tipos de experiência. A experiência coletiva (*Erfahrung*) é entendida por Benjamin como uma experiência aberta, que se aproxima mais da alegoria, por suscitar muitas leituras e muitos sentidos sobre ela, do que do símbolo, que possibilitaria um significado unilateral. Tal experiência poderá transformar-se numa busca da emancipação humana, isso porque, graças a ela, o passado, o presente e o futuro poderão ser movimentados através da rememoração de tais experiências. Ao contrário, a experiência individualizada (*Erlebnis*) é a própria expressão de um mundo fragmentado. Os seres humanos, produtos desse tipo de experiência, facilmente passam a acreditar que cada um deve pensar somente em si. Pessoas com essa mentalidade, normalmente, encontram resistências para enxergar outras possibilidades.

Na nossa compreensão, as ações dos movimentos sociais sintetizam o que seria uma experiência coletiva quando produzem conhecimentos teóricos e empíricos que não morrem nos instantes de suas produções, mas conseguem ser repassados às futuras gerações. Nesse caso, os processos de politização e as construções de projetos de sociedade também se aproximam da ideia de experiência coletiva, já que procuram ser expressos a partir de experiências que carregam consigo a potencialidade da transmissão, ou seja, experiências que conseguem ser narradas porque são ricas de conteúdo, embora produzidas em um contexto de pobreza de experiências.

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso**. Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



4 Experiências Coletivas como Enfrentamento para as Crises e Desafios dos Movimentos Sociais na Contemporaneidade

Em um texto sobre o *protagonismo dos movimentos sociais, crises e novos rumos*, Maria da Glória Gohn escreveu que se voltarmos no tempo e observarmos as ações dos movimentos sociais no Brasil, a partir de 1990, veremos que eles perderam sua visibilidade política, em especial os movimentos populares urbanos. Segundo Gohn, isso aconteceu em três momentos:

De 1990 – 95; de 1995 a 2000; e do início deste novo século até os dias atuais. Vários analistas diagnosticaram que houve crise nos movimentos sociais populares urbanos, nos primeiros cinco anos dos anos 90, no sentido de que eles tiveram reduzido, naqueles anos, parte do seu poder de repressão direta que haviam conquistado nos anos 80 (GOHN, 2008, p. 79).

Maria da Glória Gohn observa que, tratando-se das crises dos movimentos sociais nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, não se pode perder de vista os contextos sociais, políticos e econômicos desse período. As crises se deram em função de diversos fatores que alteraram as dinâmicas sociais. De acordo com a autora (2008, p. 80)

É bom lembrar que o país saía de uma etapa de conquista de novos direitos constitucionais, a maioria dos quais precisava ser regulamentada. A volta das eleições diretas em todos os níveis governamentais também alterou a dinâmica das lutas sociais porque se tratava agora de democratizar os espaços públicos estatais [...]. Houve quem preconizasse, naqueles anos, que a fase das mobilizações nas ruas, dos movimentos, estava ultrapassada, e que tais mobilizações correspondiam a uma etapa já superada, pois o regime militar havia caído e se tratava agora de atuar apenas no plano constitucional.

Maria da Glória Gohn explica que as crises nos movimentos populares urbanos não eram vivenciadas apenas internamente, aos poucos elas começaram a ser exteriorizadas. A mídia de massa foi uma das grandes responsáveis pela exteriorização das crises dos movimentos sociais, mas isso não significa dizer que as crises fizeram os movimentos desaparecer, ao contrário disso, alguns começaram a ganhar visibilidade, entre eles o MST.

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. *Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso*. Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



II SEMINÁRIO INTERNACIONAL CULTURAS e DESENVOLVIMENTO

II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas
V Colóquio Catarinense de Ensino Religioso

Educação Intercultural em Territórios Contestados

14 a 16 de maio de 2014
Chapecó | Santa Catarina | Brasil



Para não sucumbirem nas crises, Gohn descreve que os movimentos “tiveram que enfrentar foi uma rearticulação interna e externa de seu papel na sociedade” (GOHN, 2008, p. 80). É nesse contexto onde a rearticulação dos movimentos se fez e faz necessária que os desafios a eles se ampliam. Alguns exemplos contribuem para a compreensão dessa afirmação: o fortalecimento das ONGs e as organizações do Terceiro Setor fazem parte desses exemplos. Nas palavras de Gohn, antes, as ONGs apenas apoiavam os movimentos, com o seu fortalecimento, agora,

O número de manifestações nas ruas diminuiu e inverteu-se a relação, as ONGs tomaram a dianteira na organização da população, no lugar dos movimentos. Este processo aprofundou-se quando surgiu um outro ator social relevante no cenário do associativismo nacional: as fundações e organizações do Terceiro Setor, articuladas por empresas, bancos, redes de comércio e da indústria, ou por artistas famosos, que passaram a realizar os projetos junto à população, nas parcerias com o Estado. (GOHN, 2008, p. 108).

Partindo da diferenciação entre experiência coletiva e experiência individual, podemos dizer que as ações das ONGs e do Terceiro Setor não correspondem totalmente ao que seria uma experiência coletiva. Isso não nos permite fazer juízo de valor de suas ações, mas servem para mostrar o não-alcance das condições necessárias para serem compreendidas como coletivas. Tais ações não se configuram como experiências coletivas porque não conseguem ser contadas de geração para geração, isso porque, na maioria das vezes, boa parte dos participantes apenas fez ou faz parte delas, porém, não as vivenciam.

Outro exemplo que identifica mudanças nas estruturas dos movimentos sociais são as novas políticas de empoderamento e controle social com as quais os movimentos se envolvem na atualidade. Segundo Scherer-Warren, “na sociedade globalizada os movimentos sociais buscam se empoderar através de organizações em rede, articulando as iniciativas locais com apoios, formas de comunicação e manifestações mais amplas”. (SCHERER-WARREN, 2012, p. 60). Não temos a pretensão de discutir sobre as redes sociais, apenas fizemos referência a elas para dizer que as redes emancipatórias não podem ser ignoradas quando se analisa as crises, os novos rumos e o papel dos movimentos sociais. Na compreensão de Scherer-Warren (2012, p. 60-61),

Neste mundo de informação em que vivemos, a visibilidade política passa a ser um vetor importante do empoderamento. Por isso as formas mais expressivas e visíveis dos movimentos sociais se caracterizam por redes transnacionais, como

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso**. Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



II SEMINÁRIO INTERNACIONAL CULTURAS e DESENVOLVIMENTO

II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas
V Colóquio Catarinense de Ensino Religioso

Educação Intercultural em Territórios Contestados

14 a 16 de maio de 2014
Chapecó | Santa Catarina | Brasil



a marcha mundial das mulheres, a via campezina e outras, que servem de apoio a iniciativas e lutas locais, como tem ocorrido no Brasil.

Conforme já foi destacado, não faz parte das intenções deste trabalho analisar o fenômeno da organização dos movimentos sociais em redes, mas é fato que essa forma da ação dos movimentos, para não cair no risco da descaracterização, precisa atentar para as experiências que melhor identificam e representam os movimentos sociais. As redes emancipatórias até podem representar uma experiência coletiva, no que se refere ao número de movimentos interligados em uma ação, mas é preciso observar como os integrantes desses movimentos estão se inserindo nas ações de cada movimento.

Para todos os casos, nunca se deve perder de vista o comportamento do Estado em relação às políticas públicas sociais. Acerca disso, Soares do Bem lembra que as duas Constituições brasileiras do século XIX propunham ao Estado “operar a unidade e a identificação, na tentativa de anular as contradições e os efeitos das divisões sociais” (SOARES DO BEM, 2006, p. 1154). Mas, o dinamismo das sociedades, responsável pelas mudanças que vão ocorrendo com o passar dos anos, esteve presente no solo brasileiro. Por conta disso, afirma Soares do Bem (2006, p. 1154),

Se, de um lado, no período inicial de constituição do Estado brasileiro, o processo de modernização adotado forjou a introdução de um modelo de democracia com pequena participação popular, de outro, pode-se dizer que a emergência dos movimentos sociais politicamente organizados foi moldando, pouco apouco, novas facetas nos modos estruturação da tensa e contraditória relação entre Estado e sociedade, forçando-o a uma permanente negociação e integração das demandas sociais.

As observações de Soares do Bem são indicações de que os movimentos sociais foram importantes para o processo de democratização da sociedade brasileira e continuam sendo importante para o exercício da democracia conquistada. No entendimento do autor, “o grande desafio para a sociedade brasileira reside justamente na capacidade de mobilização estratégica de suas forças transformadoras, na busca de formas qualitativamente superiores e mais estáveis de organização e de atuação” (SOARES DO BEM, 2006, p. 1154).

Foi pensando nisso, ou seja, nas possibilidades para enfrentar esse desafio sem fugir das crises que a contemporaneidade trouxe aos movimentos sociais, que propomos uma volta ao conceito de experiência coletiva de Walter Benjamin. É com ela que os movimentos sociais poderão se empoderar de conhecimentos. Quando as experiências

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense de Ensino Religioso**. Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



forem transmitidas, o conhecimento será efetivado.

A experiência coletiva que Benjamin fala, é por ele explicada através da parábola do velho que no momento da morte revela aos seus filhos a existência de um tesouro contido em seus vinhedos. Depois da notícia dada aos filhos, estes cavam, fazem buracos, mas não encontram nenhum tesouro. Com a chegada do outono, porém, as vinhas produzem mais do que as outras da região.⁴²

Essa parábola que não é história, mas um recurso para ensinar história, relatada no ensaio *Experiência e Pobreza*, é contada por Benjamin para esclarecer, inicialmente, o que é uma experiência, pois somente após a boa colheita da uva, resultado da terra mexida, que os filhos compreenderam o que o pai lhes havia transmitido. “Só então compreenderam que o pai lhes havia transmitido certa experiência: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho” (BENJAMIN, 1994, p. 114).

5 Considerações Finais

A história dos movimentos sociais mostra que nenhum movimento surge por acaso, geralmente, a ação ou a ocultação do Estado está relacionada à emergência dos movimentos sociais. Portanto, para que o diagnóstico das mudanças seja realizado com mais precisão, é preciso que as provas dessa mudança sejam colhidas no seio da sociedade, ou seja, faz-se necessário visualizar essas provas nas ruas, nas instituições públicas e privadas, nos fóruns científicos, nos tribunais, nos centros de decisões políticas e em todos os espaços onde haja vida e relacionamentos. Se em todos esses lugares ainda existir medo, sentimentos de injustiças e a paz não conseguir predominar, então, muito provavelmente, o Estado, através de seu ordenamento Jurídico-Político não está conseguindo cumprir integralmente com o seu papel.

Olhar para os movimentos sociais a partir das suas ações tem o mesmo sentido, ou seja, os movimentos sociais são espelhos da sociedade, é preciso olhar para eles e perceber o que estão refletindo. Nesse sentido, o papel que os movimentos sociais

⁴² Destacamos aqui a ideia central desta parábola, porém, o relato completo e as decorrentes observações sobre ela podem ser encontradas no início do texto “Experiência e Pobreza”, escrito por Benjamin. Alguns estudiosos de Benjamin como a filósofa Jeanne Marie Gagnebin, interpreta esta parábola afirmando que ela nos explica “como nos tornarmos ricos” (GAGNEBIN, 1994, p.65). Isso fica elucidado, no caso dessa parábola, quando os próprios filhos reconheceram que a riqueza não provém de nenhum tesouro, mas sim, da experiência que o pai moribundo lhes transmitiu.

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. *Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso*. Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



desempenham dentro das sociedades precisa ser observado com cuidado, foi pensando nisso que optamos por ouvir os líderes dos movimentos sociais analisados. Seus depoimentos podem ser relacionados com as teorias sobre os movimentos sociais e as ponderações dos estudiosos dessa temática.

A partir das observações dos autores citados foi possível observar que, por serem complexas as relações sociais que se estabelecem no Brasil, e também ser complexo o papel que o Estado representa em relação à organização dessa sociedade, é compreensível o surgimento de um movimento que questiona ordens e padrões estabelecidos. Dessa forma, observar o que sustenta esses movimentos é uma ação que possibilitou não apenas entender o surgimento e trajetória dos movimentos em si, mas, também, o desenvolvimento da sociedade brasileira nas últimas décadas do século XX e início do século XXI.

Considerando ainda as ponderações dos autores destacados, também é possível dizer que a emergência e, em alguns casos, a trajetória e sobrevivência dos movimentos sociais, sofrem influências dos processos de politização vivenciados pelos integrantes dos movimentos. O fato desses mecanismos, carregados de significados, servirem como alimento para as lutas sociais, demonstra que os projetos de sociedade que os movimentos sociais propõem, para que melhor sejam compreendidos, precisam ser estudados a partir da sua dimensão coletiva. Em outras palavras, trata-se de uma *experiência coletiva* que precisa ser estudada a partir dessa condição.

Em síntese, podemos dizer que, por representarem uma experiência coletiva, os movimentos sociais precisam atentar para um fato: *a necessidade de um olhar crítico para a reorganização e reestruturação dos processos de politização e dos projetos de sociedade que os envolvem e os sustentem*. Se admitirmos que os movimentos sociais surgem e sobrevivem na coletividade, então, passa a ser correta a afirmação de que as *experiências coletivas* representam os movimentos sociais e se representam neles. Nesse caso, para que os processos de politização e os projetos de sociedade transformem-se em referenciais que ganham vida *na* e *pela* coletividade, é fundamental que sejam vivenciados e transmitidos através de experiências que ensinam, ou seja, experiências possíveis de serem narradas. No mesmo sentido, experiências coletivas.

Referências

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. *Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso*. Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



BENJAMIN, Andrew; OSBORNE, Peter. **A filosofia de Walter Benjamin: destruição e experiência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1997.

BENJAMIN, Walter. Capitalismo como religião. Tradução de Jander de Melo Marques de Araújo. **Revista Garrafa**, n. 23, jan./abr. 2011.

_____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense. 1994.

DAGNINO, Evelina; ALVAREZ, Sonia E.; ESCOBAR, Arturo (Org.). **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras**. Belo Horizonte: UFMG, 2000

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Walter Benjamin: Os cacos da história**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense. 1993.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração e Walter Benjamin**. Campinas, SP: Fapesp, 1994.

GALEANO, Eduardo H. **As veias abertas da América Latina**. 41. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GOHN, Maria da Glória. **História dos movimentos e lutas sociais: a construção da cidadania dos brasileiros**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

_____. **O Protagonismo da Sociedade Civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Teorias dos Movimentos Sociais**. 3 ed. São Paulo: Loyola, 1997

SCHERER-WARREN, Ilse. **Movimentos sociais: um ensaio de interpretação sociológica**. 3. ed. rev. Florianópolis: UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina, 1989.

_____. Movimentos sociais na América Latina: revisitando as teorias. Palestra proferida na Mesa Redonda "Ações coletivas, movimentos e redes sociais na contemporaneidade". In: **Congresso Brasileiro de Sociologia**, 14, 28 a 31 de junho de 2009, Rio de Janeiro. Disponível em: www.npms.ufsc.br/wpapers/Ilse. Acesso em 15 mai. 2014.

_____. **Redes de movimentos sociais**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. **Redes Emancipatórias: nas lutas contra a exclusão e por direitos humanos**. Curitiba: Appris, 2012.

SOARES DO BEM, Arim. A centralidade dos movimentos sociais na articulação entre Estado e sociedade brasileira nos séculos XIX e XX. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 27, n. 97, p. 1137-1157, set./dez. 2006. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso**. Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]